



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO NO E PARA O ESTRANGEIRO NA ALEMANHA: OS ESPAÇOS DE ENUNCIÇÃO E A DIVISÃO PORTUGUÊS E BRASILEIRO.

André Stefferson Martins Stahlhauer¹

Resumo: Este trabalho tem como objeto de reflexão a distribuição de línguas no espaço enunciativo do ensino de português brasileiro na Alemanha. Trata-se, inicialmente, de uma sondagem sobre o espaço de enunciação com foco nos diferentes modos de instrumentalizar e gramatizar e, por isso, distribuir e designar a língua brasileira no e para o estrangeiro, sendo, portanto, uma discussão ligada ao campo da Enunciação, da Política de línguas e das Histórias da Ideias Linguísticas. A Alemanha possui inúmeros centros de ensino e pesquisa de português brasileiro e a questão surge pela especificidade dessa distribuição, a divisão entre português e brasileiro, posto que os diferentes modos de instrumentalizar constituem simbolicamente essas diferentes formas de dividir a designação e isso produz diferentes sentidos sobre a língua e o falante brasileiros.

Palavras-chave: brasileiro; português; espaço de enunciação; línguas; ensino; Alemanha.

Abstract: *This work aims to reflect the distribution of languages in the enunciative space of Brazilian Portuguese teaching in Germany. Initially, it is a survey on the space of enunciation with a focus on the different ways of instrumentalizing and grammarizing and, therefore, to distribute and designate the Brazilian language in and to foreign countries, being, therefore, a discussion related to the field of Enunciation, Language Policy and the History of the Linguistics Ideas. Germany has many centers of teaching and research of Brazilian Portuguese and the question arises from the specificity of this distribution, the division between Portuguese and Brazilian, since the different ways of instrumentalizing symbolically represent these different forms of dividing the designation and this produces different meanings about the language and the Brazilian speaker.*

Keywords: brazilian; portuguese; space of enunciation; languages; teaching; Germany.

¹ Professor-adjunto (Substituto) da área de Linguística, atua também como professor de Português Língua Estrangeira no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Pesquisador junto da UEHPOSOL-UFSCar.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Um panorama sobre o espaço enunciativo do Português brasileiro na Alemanha

O objetivo deste trabalho é observar a distribuição do português do Brasil na Alemanha. A nossa questão inicial reside no fato de que na Alemanha existem inúmeros centros de pesquisa e ensino que instituem diferentes formas de distribuir e representar a língua do Brasil, tanto no âmbito acadêmico, em universidades e centros² de pesquisa, como em âmbito não-acadêmico: institutos de línguas, associações brasileiras³ e luso-brasileiras. Acrescenta-se o fato de que o país faz parte do programa de leitorado do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, que envia com frequência professores para a difusão da língua e cultura brasileiras. Além disso, ainda possui um dos primeiros institutos de ensino e pesquisa de português, o Instituto luso-brasileiro que foi criado em 1933 na Universidade de Colônia e tem, na Universidade de Jena, um dos postos aplicadores do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiro, o CELPE-Bras. O que se coloca como questão inicial, então, é como se distribui e se representa a língua do e no Brasil, visto que esse modo específico de distribuição da língua não ocorre de qualquer modo ou naturalmente. Dá-se determinada por Políticas de Línguas que inscrevem modos de acesso à essa língua agenciados por diferentes Formações Discursivas: a literatura, a cultura, a economia, a geopolítica, entre outras formas.

Fazemos uma análise do espaço enunciativo do português brasileiro, ou da Língua Brasileira (cf. ORLANDI 2009), de modo a compreender como se dá a sua distribuição no e para o estrangeiro na Alemanha. Consideramos esses aspectos da linguagem sob a ordem do simbólico. Nesse sentido, pretendemos mostrar os movimentos de sentidos que se dão nas enunciações sobre a língua do (e no) Brasil a partir de sua distribuição no ensino no exterior, tendo em vista que essa prática se constitui na “produção de um saber metalinguístico” (AUROUX, 2001, p. 16), pois inscreve historicamente a produção do conhecimento sobre a

² Como o “*Das Brasilien Zentrum*”, Centro brasileiro, trad. nossa, da Universidade de Tübingen. Disponível em: <<http://www.uni-tuebingen.de/brasilien-zentrum>>. Acesso em: 14 mai. 2016; e o “*Portugiesisch-brasilianisches Institut*” (PBI), Instituto Luso-brasileiro, da Universidade de Colônia, Disponível em: <<http://pbi.phil-fak.uni-koeln.de/3209.html?&L=5>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

³ Conforme indica o site do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-brasileiras-exterior/#ALEMANHA>>. Acesso em: 30 mai. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

língua, além de constituir um imaginário sobre a língua do Brasil e seus falantes na ordem do outro, do estrangeiro.

Podemos considerar ainda a partir da produção de um saber sobre a língua, as práticas enunciativas que configuram os instrumentos linguísticos. Além das gramáticas e dos dicionários, pode-se considerar que os livros didáticos instauram modos de instrumentalizar as línguas. Por meio da produção de um discurso sobre a língua do Brasil, ou brasileira, se formulam as enunciações dos instrumentos linguísticos. Nesse sentido, a gramatização (AUROUX, 2001), que não se reduz à produção de gramáticas ou dicionários somente, implica no desenvolvimento de instrumentos (materiais) que agenciam as práticas enunciativas no que tange à distribuição dessas línguas. Tais práticas se configuram institucionalmente e produzem diferentes lugares sociais de enunciação seja na ordem do oral, do escrito, do formal e do informal. Dessa maneira, produzem-se enunciativamente os manuais (gramáticas e dicionários), planos de ensino, ementas, exames de proficiência, panfletos de propagandas de curso, entre outros materiais.

Os espaços de enunciação e a produção de um saber metalinguístico

Os trabalhos científicos no campo da História das Ideias Linguísticas (HIL) têm, tal como em Auroux (1988), a partir da convergência de temas e de diferentes perspectivas teóricas, construído uma gama de referências para a observação da construção de um “saber metalinguístico” e, com isso, têm formulado e fornecido instrumentos para se pensar a produção de um discurso sobre a língua. Nessa perspectiva, a partir dos trabalhos em Semântica do Acontecimento, pela noção de espaços de enunciação em Eduardo Guimarães (2002), observamos a distribuição da língua brasileira no espaço do ensino de Português brasileiro na Alemanha, levando-se em conta a especificidade da noção para observar e descrever/interpretar a “distribuição da língua aos seus falantes” (GUIMARÃES, 2002).

Quando se observa como se constitui um espaço de enunciação, tem-se como foco o funcionamento da divisão política das línguas: i) seja no interior de suas diferenças, como quando consideramos o “uso de uma variedade” do português, português brasileiro e português europeu, e ainda como essa redivisão caracteriza, identifica o falante por falar determinado sotaque do português do Brasil, ou seja, o gaúcho, o caipira, e outros, ou (ii)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

podemos considerar, ainda, esse espaço pelo modo como se distribuem línguas diferentes, como mostramos em Stahlhauer (2014) e Stahlhauer; Schreiber da Silva (2015), no estudo que analisa as relações entre o português e o francês na Suíça, sobre o modo como o francês língua oficial e nacional da Suíça determina o funcionamento do português, língua estrangeira e de imigração na Suíça.

Em Guimarães (2002, p.13), encontramos explicitada a noção de espaço de enunciação:

são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (...).

O espaço de enunciação, tal como é definido por Guimarães é um espaço político, em que se articulam a política e o político. A primeira é a instância da normatividade e o segundo é a contradição dessa normatividade. O político é, então, a tensão que determina o que diz um Locutor afetado por uma língua já recortada por outras significações que agenciam seus sentidos. Ou seja, a língua funciona a partir dessas divisões que, enunciativamente, especificam suas formas, textualizam enunciados que, por suas vezes, configuram regularidades linguísticas que determinam uma divisão da língua. Considerar a divisão da língua no espaço de enunciação é importante para pensar, por exemplo, como a língua é distribuída no ensino de línguas pelo modo como a enunciação da designação de língua é formulada na textualidade dos instrumentos linguísticos: nos institucionais dos cursos, nos planos de aula, nos materiais instrucionais (livros diadáticos, no modo de recortar os materiais autênticos, com a finalidade de instruir). Pode-se pensar, ainda, por meio dessa representação da língua nos materiais, o seu funcionamento, que é recortado pelas divisões entre o formal, informal, oral e escrito, que são representações que escrevem e delineiam um “contexto” de uso, o interacional, dessas formas. A enunciação desses processos está agenciada pelo modo como a língua é distribuída nesse material e isso “escreve” os diferentes tipos de textos que fazem circular o discurso sobre a língua, para ser repetido, reformulado, negligenciado ou



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

silenciado. Retomando as questões sobre o acontecimento e o político, retomamos Guimarães (2002, p. 18), para quem considerar o político na enunciação é levar em conta:

a relação entre a língua e o falante, pois só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas. E esta relação não pode ser tomada como uma relação empírica do tipo: em uma certa situação as pessoas falam na língua x, em outra, na língua y. Por exemplo, no Brasil se fala Português, na França, Francês, etc. Ou ainda, no Paraguai se fala espanhol e o Guaraní. Esta relação entre falantes e línguas interessa enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto. A língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo político: ela é normativamente dividida e é também a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos.

Os espaços de enunciação são caracterizados por seu caráter político-simbólico e isso tem a ver com a relação língua/falante, com o modo como a língua é distribuída (cf. GUIMARÃES, 2002) nesse espaço. O espaço de enunciação não é um espaço geográfico que evocaria o “uso” da língua/dialeto/sotaque/variantes. Nele, a língua é o que identifica. O espaço enunciativo se constitui necessariamente de um movimento de línguas no acontecimento, pois nele as línguas “se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). A noção de espaço de enunciação tem a ver com o enunciável e o político, com o agenciamento enunciativo: aquilo que se diz, o modo como se diz e quem diz em um espaço afetado por uma política. Dessa maneira, quando falamos de espaço de enunciação do ensino de português na Alemanha, estamos nos referindo aos espaços de representação e de funcionamento das línguas que são divididas desigualmente. Sendo assim, não nos interessam, à priori, as variações, os dialetos, os sotaques, em seus aspectos formais, mas, sim, suas representações. Ou seja, o que se formula nos instrumentos, nos materiais de e sobre o ensino de português são “escritos” de uma posição, o que nos leva a pensar sobre o modo como o locutor-autor, em Guimarães (2011), é recortado pelo acontecimento da enunciação da designação da língua.

Em Zoppi-Fontana; Diniz (2008, p. 105) encontramos uma discussão sobre um modo de distribuir o português do Brasil pelas Políticas Linguísticas derivadas da inserção do Brasil no Mercosul, que instrumentalizam e institucionalizam de modo a ampliar a abrangência de seu espaço de funcionamento: do nacional, de uma instrumentalização sobre o português do



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Brasil para o brasileiro, ao transnacional, colocando-se, sobretudo, como referência à produção de um discurso sobre a identidade da língua e a brasilidade para o estrangeiro.

Nessa perspectiva, no caso da distribuição do espaço do ensino da Alemanha, identificamos, de início, ao menos três formas de instrumentalização que configuram modos de distribuição do português do Brasil:

- (I) A criação dos institutos e associações de pesquisa⁴ e seus institucionais⁵;
- (II) A inserção dos cursos de português nos centros de línguas e institutos de idiomas, que se dá eminentemente através do campo do ensino de Português Língua Estrangeira, e o credenciamento da Alemanha na organização e realização o exame Celpe-Bras⁶;
- (III) A produção de materiais específicos para instrumentalização da língua brasileira.⁷

Essas três formas de distribuir não se reduzem às periodizações, mas configuram diferentes formas de distribuir o português do Brasil no espaço do ensino. Nesse sentido, há uma divisão que caracteriza a distribuição política dos sentidos das diferenças na(s) língua(s) - principalmente, porque essa distribuição se dá por meio da divisão português e brasileiro, e como essa política é representada nos instrumentos de ensino de línguas na Alemanha. Essas diferenças aparecem nos textos na medida em que elas constituem modos de dizer sobre o português do e no Brasil e, sobretudo, sobre a divisão português e brasileiro, que identifica necessariamente os seus falantes⁸.

⁴ Como exemplo, podemos citar o Instituto luso-brasileiro de Colônia, o Centro brasileiro da Universidade de Tübingen e a criação da associação alemã dos Lusitanistas (*Deutscher Lusitanistenverband*).

⁵ Consideramos como um institucional o texto que apresenta, define, em suas formas de designar e representar uma instituição.

⁶ Há uma diferença entre o campo da pesquisa e ensino do que se chama a lusitanística e a brasilinística e a inserção do português “variante brasileira” nos centros de ensino de línguas, que de diferentes formas, instanciam a língua brasileira. No caso dos centros de línguas, o ensino da língua é determinado pelos níveis de competências preconizadas pelo Quadro Comum Europeu de Línguas e pelo Celpe-Bras.

⁷ Há diferentes materiais utilizados para a gramatização do português brasileiro na Alemanha, como a produção de dicionários de *brasilianisch*, brasileiro, e de Livros didáticos de editoras alemãs como Oi, Brasil!, que focalizam a descrição do léxico e do uso da língua em contextos específicos.

⁸ Faz-se necessário considerar as diferentes designações que redividem os modos de acesso à língua: Português Língua de Herança, Português Segunda Língua, Português Língua Adicional, etc. A questão das variantes, e de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Olhar para o funcionamento enunciativo das línguas é, a nosso ver, verificar como aquilo que ali está dito sobre a língua retoma algo já enunciado, como leitura e interpretação, já regulado pelo modo como o espaço de enunciação as distribui nos modos de enunciar.

É preciso ressaltar, ainda, que, materialmente, (cf. GUIMARÃES 2002, ORLANDI, 2009, DINIZ; ZOPPI-FONTANA, 2008, 2010) os enunciados sobre o português brasileiro na Alemanha distribuem as relações entre as línguas e os falantes no ensino: a divisão nas especificações português europeu e português brasileiro, promovem uma disjunção que constitui a abertura de um espaço de enunciação da língua brasileira para a formação de um falante, e também de um locutor-professor e locutor-aprendente da língua brasileira, e, assim, é necessário considerar que essa disjunção no espaço do ensino determina as formulações, as práticas enunciativas: prática entre sujeitos falantes de língua(s).

As divisões das línguas postuladas em Guimarães (2005) – nas periodizações no Brasil, mostram como o português se tornou a língua oficial e nacional no Brasil. Em Diniz; Zoppi-Fontana (2008, 2010), observa-se como a língua é dividida em transnacional. Assim sendo, se as representações não se dão de qualquer maneira, elas acontecem organizadas por uma **política de representação** (STAHLHAUER, 2014). Essa divisão é produto de uma política de distribuição de lugares e modos de enunciação de uma língua. Geralmente, encontramos as línguas divididas das seguintes maneiras:

Língua materna: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

Língua alheia: é toda língua que não se dá como materna para os falantes em um espaço de enunciação.

Língua franca: é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas maternas diferentes, e que são falantes desta língua para o intercurso comum.

Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.

outras divisões, como o português e o brasileiro ou o português do Brasil são designações que formulam posições distintas em relação à identificação do locutor-professor do português do Brasil ou do locutor-professor de português europeu, predados no modo de significar a língua.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Língua oficial: é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações do estado, nos seus atos legais.

Língua estrangeira: é a língua cujos falantes são o povo de uma Nação e Estado diferente daquele dos falantes considerados como referência (GUIMARÃES, 2006, p. 14).

Se o funcionamento da língua está recortado por essas divisões, significadas em designações, podemos observar a maneira pela qual elas podem adquirir outras divisões determinadas pela distribuição no espaço de enunciação, por sua configuração material, através de outros processos de significação, pois relativamente às definições acima, o espaço de enunciação é o modo de distribuir as línguas que estão em relação. Dessa forma,

Qual é o lugar da língua materna para seus falantes, ou o da língua nacional, assim como o da língua oficial, ou ainda o da estrangeira? E esta distribuição é sempre marcada por uma desigualdade politicamente construída. Ou seja, a distribuição dessas línguas para seus falantes constitui uma hierarquia entre elas e atribui um sentido para esta hierarquia. (GUIMARÃES, 2006, p. 14)

Sendo assim, a observação da divisão de línguas, por meio de análises, promove uma discussão sobre o modo de distribuição das línguas, e ainda mostra que as línguas funcionam em relação à sua historicidade e ao sujeito. Esta pesquisa tem suas bases nos estudos em Histórias das Ideias Linguísticas, em Semântica do Acontecimento, em Análise de Discurso, e, no que esses campos definem, em suas convergências, como uma política de línguas. Dito de outro modo, estudar as divisões das línguas no espaço de enunciação mostra que o funcionamento da língua se dá, reversamente, exposto ao simbólico e que esse objeto, a língua, deve ser concebido em sua heterogeneidade, para além da homogeneidade da língua “una”.

A Brazilianística e a Lusitanística: Português brasileiro e europeu.

Como mencionado, pretendemos melhor compreender de que modo as línguas significam em suas divisões no ensino de português para e no estrangeiro, e observar, em linhas gerais, o espaço enunciativo do ensino de português na Alemanha e, especificamente, melhor compreender a divisão brasileiro e português.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Por meio de uma pequena reflexão sobre periodização e sobre o espaço de enunciação, podemos observar que a criação de instituições de pesquisa e ensino configuram um modo de distribuir o português e redividir o seu funcionamento em um institucional. Observemos como a partir da enunciação da criação do Instituto luso-brasileiro em 1932 da Universidade de Colônia⁹, a língua é significada:

Sobre o Instituto Luso-Brasileiro

O Instituto Luso-Brasileiro (PBI) foi fundado, em 1932, pelo romanista Prof. Dr. Leo Spitzer e é dirigido, desde 1998, pelo Prof. Dr. Claudius Armbruster. Como um dos principais centros de estudo e pesquisa da Lusitanística/ Brazilianística (designação alemã para os Estudos Portugueses e Brasileiros) em universidades alemãs, o PBI conta, atualmente, com cerca de 1000 estudantes inscritos, oferecendo, como único instituto universitário na Alemanha, a possibilidade de optar pelo estudo tanto do Português Europeu quanto do Português Brasileiro. Este último assume grande importância principalmente no âmbito da graduação em Ciências e Estudos Regionais da América Latina, curso oferecido exclusivamente pela Universidade de Colônia. (Grifo nosso)

Essa institucionalização produz, de início, ao menos três modos de significar os processos sobre a língua:

- (I) No acontecimento da enunciação da designação **Brazilianística e lusitanística**, que instaura um modo de designar pautado na divisão entre os campos dos estudos brasileiros e portugueses;
- (II) A que privilegia a distribuição da língua brasileira, segundo o princípio da variação linguística pela diferenciação entre a modalidade **européia** e a **brasileira**;
- (III) A que privilegia o ensino de **português brasileiro** segundo um princípio geopolítico estratégico, “no âmbito da graduação em Ciências e Estudos Regionais da América Latina”.

O que se nota nesse exemplo, é como se instaura “um modo de acesso à palavra” ao português brasileiro ao se definir um campo de estudos sobre o Brasil, a brazilianística, a

⁹ Disponível em: < <http://pbi.phil-fak.uni-koeln.de/3209.html?&L=5> >. Acesso em: 27 mai. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

partir de sua diferença com a lusitanística, e incluir aí também nesse âmbito de pesquisa, o estudo sobre o português brasileiro. Nota-se, ainda, que há uma hierarquização nessa distribuição, pois “privilegia-se” a língua brasileira à outra “variante”, a europeia. Outro ponto importante que se pode destacar desse recorte, é o modo como o aspecto geopolítico funciona e determina a distribuição do português brasileiro como uma língua da “América Latina” e não como uma relação com a lusofonia. Há aí uma divisão do sentido da designação de português brasileiro, que é determinada pela divisão entre português (europeu) e brasileiro.

Considerações

Consideramos, então, de início, três formas de instrumentalização do português, na Alemanha, que constituem periodizações para a sua distribuição:

- (I) A criação dos institutos e associações de pesquisadores, que distribuem a língua relativamente à cultura e à literatura dos estudos filológicos, românicos ou da América Latina;
- (II) A inserção do português brasileiro nos centros de línguas juntamente com outras línguas “estrangeiras” que distribui a língua em relação a outras, a partir do paradigma comunicacional e na instância dos quadros de referência, dos exames e das certificações;
- (III) A produção de materiais instrucionais: livros didáticos para o ensino de português brasileiro¹⁰.

Este não é, portanto, um estudo do contexto de ensino de português no e para o estrangeiro. Dito de outro modo, o estudo do contexto de ensino preconiza, grosso modo, o contexto empírico da língua em sala de aula e, nesse sentido, desenvolve-se aí um modo de instrumentalizar para o “ensino” ou, em alguns casos, “ensino-aprendizagem da língua alvo”. A questão da língua em sua materialidade discursiva, na história, ainda é pouco discutida no ensino de línguas, sobretudo as estrangeiras, o que acaba por produzir homogeneidades. Ou seja, pouco se discute sobre a(s) língua(s) em uma abordagem instrumental-comunicativa

¹⁰ Como os livros *Oi, Brasil!*, da editora Hueber Verlag e o *Beleza !*, da editora Klett, entre outros, materiais publicados para falantes de alemão e por editoras alemãs.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(“com o propósito de”), pois o seu objeto, na aprendizagem, é a exploração do contexto de uso de uma língua, e, assim sendo, a sua divisão, que caracteriza a produção de uma heterogeneidade linguística está excluída do processo de ensino-aprendizagem delimitado pelos níveis dos quadros de referência¹¹ e pela grade dos exames de proficiência, que regulam, reversamente, por meio dos níveis de proficiência, o ensino de línguas na Europa.

Desse modo, a importância de uma discussão sobre a distribuição da língua do Brasil, na Alemanha, mostra que há políticas de distribuição do português do Brasil, o *Brasilianisch*, de um modo específico (e não de outro), além de mostrar a representação da relação entre línguas por meio da divisão brasileiro e português que, para além do paradigma variacional, sociologista (GADET e PÊCHEUX, 1998), mostra, também, o funcionamento histórico da materialidade da língua que é instrumentalizada pelas instituições alemãs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. Pour une Histoire des idées linguistiques. *Revue de synthese*: 1V' S. NO' 3-4, juil.-dbc. 1988

Auroux, S (org). Histoire des idées linguistiques. *La naissance des métalangages en Orient et en Occident*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

DINIZ, L. R. *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira*. Campinas: RG; FAPESP, 2010.

GADET, F., PÊCHEUX, M. Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?. In: *Escritos* (3): 05-16. Campinas: LABEURB – UNICAMP, 1998.

Guimarães, E.R.J. *História da semântica*, Campinas, Pontes. 2003.

_____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

¹¹ Como o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____. A Língua Portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*. Versão online. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200015&script=sci_arttext>. Acesso em:

_____. Espaço de enunciação e política de línguas no Brasil. In: SANTOS, Josalba & OLIVEIRA, Sheila Elias de (orgs.). *Mosaicos de linguagens*. Guarapuava, PR: Cellip – Campinas, SP: Pontes; 2006. p 11.27.

_____. *Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino*. Campinas: RG Editores 2011.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. 2002. *Língua e Conhecimento Linguístico*. São Paulo. Cortez.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. A Língua Brasileira. *Ciência e Cultura*. Versão online (2005). Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci_arttext>. Acesso em:

ORLANDI, E. 2009. *Língua Brasileira e Outras Histórias*, Campinas: RG.

STAHLHAUER, André Stefferson M. 2014. *A Representação de línguas no ciberespaço: um funcionamento enunciativo na contemporaneidade*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

STAHLHAUER, A. S. M.; SCHREIBER DA SILVA, S. M. As migrações e as línguas, as relações entre o português e o francês na suíça: um estudo do espaço de enunciação. *Línguas e Instrumentos linguísticos* – Nº 36 – jul-dez 2015.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; DINIZ, L. R. A. Declinando a língua pelas injunções do mercado: institucionalização do português língua estrangeira (PLE). In: *Estudos linguísticos*, São Paulo, 37 (3): 89-119, set-dez.2008.

ZOPPI FONTANA, M. (2009). O português do Brasil como língua transnacional. In: _____ (org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Editora RG, pp. 13-41.